

A arte desvelada na maturidade: entrevista com o artista José Carlos da Rocha¹

Art revealed in maturity: an interview with the artist José Carlos da Rocha

El arte revelado en la madurez: entrevista con el artista José Carlos da Rocha

Giovana Zarpellon Mazo (UDESC-Brasil)²

Lucas Marconato (UDESC-Brasil)³

1 A entrevista foi orientada e revisada pela professora Dra Jociele Lampert.

2 Professora doutora do programa de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano do CEFID/UDESC e membro do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura – Apotheke. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3218844421449745>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7813-5592>. E-mail: gzmazo@gmail.com

3 Aluno da graduação em Artes Visuais do CEART/UDESC e membro do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura – Apotheke. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1051597447162923>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1696-0282>. E-mail: lucasamarconato@gmail.com

RESUMO

A entrevista apresenta reflexões do artista e pesquisador José Carlos da Rocha, doutor em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, sobre como a arte, desvelada na maturidade, impulsiona processos de formação acadêmica e científica. O diálogo percorre sua trajetória desde a economia até a pintura, evidenciando a relevância de sua produção artística, de sua pesquisa, de sua experiência na docência e de suas contribuições para o campo da arte contemporânea e do ensino em artes visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Arte visuais; Universidade; Pintura; Maturidade; José Carlos da Rocha.

ABSTRACT

The interview presents reflections by the artist and researcher José Carlos da Rocha, PhD in Visual Arts from the State University of Santa Catarina, on how art, revealed in maturity, fosters processes of academic and scientific development. The dialogue traces his trajectory from economics to painting, highlighting the significance of his artistic production, research, teaching experience, and contributions to the fields of contemporary art and visual arts education.

KEY-WORDS

Visual Arts; University; Painting; Maturity; José Carlos da Rocha

RESUMEN

La entrevista presenta reflexiones del artista e investigador José Carlos da Rocha, doctor en Artes Visuales por la Universidad del Estado de Santa Catarina, acerca de cómo el arte, revelado en la madurez, impulsa procesos de formación académica y científica. El diálogo recorre su trayectoria desde la economía hasta la pintura, evidenciando la relevancia de su producción artística, de su investigación, de su experiencia en la docencia y de sus contribuciones al campo del arte contemporáneo y de la enseñanza en artes visuales.

PALABRAS-CLAVE

Artes visuales; Universidad; Pintura; Madurez; José Carlos da Rocha.

Apresentação

O artista visual José Carlos da Rocha, conhecido como Rocha, nasceu em Criciúma, no estado de Santa Catarina (SC), em 1953. Hoje, aos 72 anos, apresenta uma trajetória marcada pelo trabalho, pelo estudo e pela dedicação às artes e à pintura. No entanto, sua história nem sempre esteve ligada exclusivamente às artes. Quando criança, já demonstrava grande interesse pelo desenho e uma habilidade inata. Contudo, aos nove anos, sua professora subestimou seu talento, afirmando que ele não poderia ter feito o trabalho sozinho. Esse episódio o fez afastar-se das artes, permanecendo quatro décadas sem desenhar ou pintar.

Seguiu então outro caminho: formou-se em 1978 em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, em 1998, concluiu uma especialização em Gestão Econômico-Financeira pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Trabalhou durante 23 anos como economista na empresa Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul), em Florianópolis (SC).

Mas, aos 60 anos, aposentado, por incentivo de sua esposa Marlene (in memoriam), da família e dos amigos, resolveu revisitar e romper algo que estava dormente desde a sua infância: a arte. Resolveu se desafiar e começou a cursar Artes Visuais na UDESC (em 2013). Depois, em 2017, aos 64 anos, concluiu o curso de mestrado e, logo após, o de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2023, aos 70 anos.

Em sua formação acadêmica e científica em artes visuais, a Profa. Dra. Jociele Lampert sempre foi sua referência, como professora, orientadora e mentora. A Profa. Jociele comenta:

Sempre observei o seu interesse pelo aprendizado de um fazer artístico. Lembro de uma situação peculiar, quando ouvi de um colega professor que fazer mestrado era para ‘gente jovem’, deixando, assim, à margem e segregando o discurso da colaboração e da arte para todos. Ao perceber o quanto desmotivador poderia ser o contexto, convidei Rocha para fazer parte de meus projetos de pesquisa e de extensão. Assim, tornou-se membro participante ativo no Estúdio de Pintura Apotheke desde 2014 (Rocha, 2020, p. 207).

Deste modo, podemos refletir sobre o idadismo no contexto universitário. O idadismo é um conceito que comprehende o preconceito contra a velhice e apresenta efeitos na sociedade como um todo, inclusive na restrição da inserção de pessoas idosas no mundo e em seus diferentes espaços sociais (Podhorecka et al., 2022), como na universidade. O Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) garante que as pessoas idosas têm direitos à educação, cultura e lazer, assegurando participação social em condições de igualdade.

Busca-se, no meio universitário, a valorização da pessoa idosa por meio de diferentes ações voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, numa perspectiva de

envelhecimento bem-sucedido e ativo. Rocha, em seu processo de envelhecimento, adentra o contexto universitário com uma percepção positiva de propósito de vida. Essa percepção está associada ao bem-estar psicológico, à autoestima, ao sentido e à direção na vida, ao estabelecimento de metas, ao crescimento pessoal, à motivação, à visão positiva e à percepção de felicidade e saúde.

Nesse sentido, a arte desvelada na maturidade traz a ideia de que esse período de vida é um tempo de revelação, expansão e aprofundamento da arte na vida do artista Rocha, tanto no fazer artístico quanto no pensar e ensinar arte. Trata-se de um artista que se dedica aos estudos e pesquisas entre diálogos artísticos, literários e filosóficos, bem como a trabalhos em diferentes meios e possíveis interlocuções poéticas.

Diante disso, a entrevista com o artista visual José Carlos da Rocha nos fará refletir sobre como a arte, desvelada na maturidade, impulsiona processos de formação acadêmica e científica no contexto universitário.

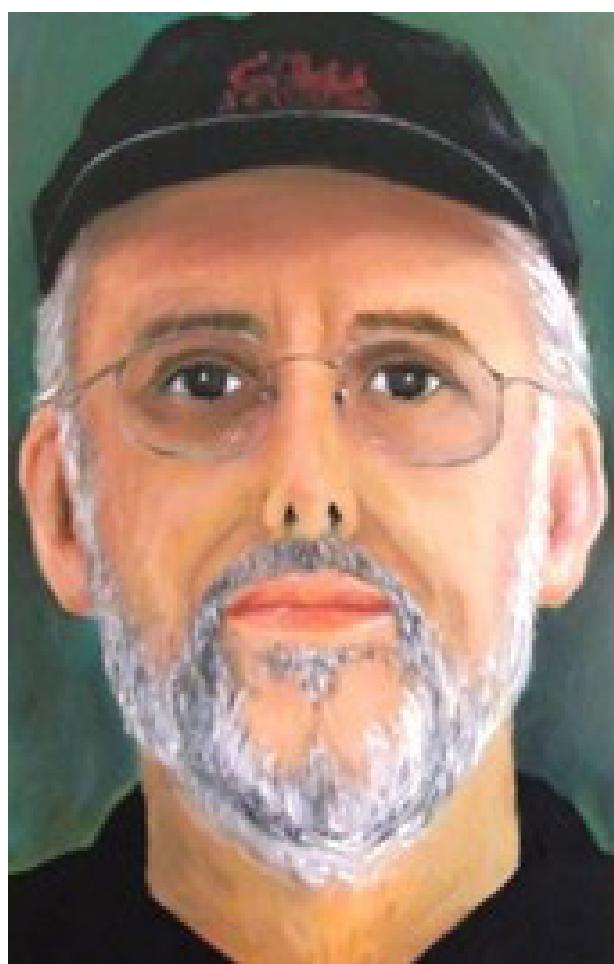


Fig. 1. José Carlos da Rocha. Autorretrato. Óleo sobre tela. 20x30cm. Florianópolis, 2013. Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Entrevista

Entrevistadora: Giovana Zarpellon Mazo (membro do Estúdio de Pintura Apotheke)

Pergunta: José Carlos, você iniciou sua trajetória acadêmica na área da Economia e, mais tarde, dedicou-se às Artes Visuais. Como foi esse processo de transição e o que o motivou a buscar na maturidade a formação em artes?

Resposta: Então, na verdade, uma experiência na infância, aos nove anos, redirecionou-me para longe das artes. Ao desenhar uma árvore como tarefa escolar, em homenagem ao Dia da Árvore, vivi minha primeira decepção como artista: fui desacreditado pela professora diante dos colegas. Triste e desmotivado, afastei-me do mundo da arte por décadas, até me aposentar como economista. Minha esposa Marlene (in memoriam), já em estado debilitado de saúde, sugeriu que eu fizesse o que realmente desejava. Esse incentivo levou-me a revisitar e superar aquela experiência da infância, retomando o caminho das artes. Assim, reiniciei minha vida acadêmica, agora no campo artístico. Foi avassaladora a retomada de um desejo contido e reprimido ao longo dos anos - um desejo que permaneceu latente, como a magma de um vulcão prestes a explodir. E essa oportunidade de voltar ao caminho da encruzilhada que ficou no tempo recomeça com a graduação no bacharelado em Artes Plásticas, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde me despi de todos os paradigmas e mergulhei nesse espaço das artes. Senti que a ponte agora estava ligada e conectada à minha vida real, e não mais só ao sonho. Minha pauta foi o lema de Juscelino Kubitschek: "Cinquenta anos em cinco". Era o começo de um caminho em que a percepção de um mundo novo estava para ser construída. Passei a pintar e desenhar *full time*. Como já estava decidido, ficou fácil relembrar minhas habilidades guardadas há tanto tempo. Estavam sendo retomados os primeiros passos de uma longa caminhada sem volta. Ao mesmo tempo, tive várias experiências ao acudir às necessidades da enfermidade de minha esposa. Foi um período difícil, com um final triste. Sua partida levou-me a envolver-me e a dedicar-me ainda mais ao processo artístico, e nele encontrei a possibilidade de demonstrar e externar meus sentimentos e reminiscências. Surge, assim, uma nova oportunidade de compartilhar minhas experiências com os outros. Desse modo, fui levado pelas múltiplas possibilidades que o processo artístico propicia de exteriorizar meus sentimentos e lembranças afetivas. Encontrei novos professores na universidade que me apoiaram a transpor as barreiras do passado. Abriu-se, assim, um mundo de possibilidades, realizando minha primeira pesquisa por meio do desenho de meus objetos afetivos, da relevância de cada um deles e das narrativas contextualizadas dessas experiências. Resultou, assim, no meu primeiro livro *Museu dos Objetos*, originado do meu trabalho de conclusão de curso *Memórias Afetivas* (ROCHA, 2013).

Pergunta: Sua graduação em Artes Plásticas, concluída em 2013, abriu portas para o mestrado e o doutorado no PPGAV/UDESC. Quais foram os principais desafios e aprendizados nesse percurso acadêmico já iniciado na maturidade?

Resposta: Uma vez no caminho da arte, mesmo recomeçando na maturidade, o horizonte se expande e instiga novos olhares, percepções, conhecimentos, desejos, descobertas e sonhos. A universidade propicia diversas opções de pesquisas a serem exploradas e investigadas no mestrado e no doutorado, por meio da investigação, da teoria e das práticas relacionadas ao universo da arte. É como um percurso a ser descoberto por si mesmo, em que a reflexão, a crítica, o desconhecido, as dúvidas, o improvável e a incerteza são os obstáculos que movem e levam aos questionamentos e às descobertas de novas possibilidades de percepção e visualização. Nesse sentido, minhas dúvidas e incertezas aumentaram e me instigaram a fazer o Mestrado em Artes Visuais da UDESC, por meio de um projeto que envolveu pesquisa de campo, teoria, prática e reflexão teórica, para encontrar respostas às minhas inquietações sobre como a arte pode estar presente em ambientes fechados. Assim, foram desenvolvidos a dissertação (Rocha, 2017) e o livro *Experiências Poéticas em Arte Educação com Adolescentes no Centro de Internação Feminina* (Rocha, 2020). Mesmo após o mestrado, outros questionamentos surgiram. Ciente da necessidade de investigar outras questões, cursei o doutorado como uma forma de procurar encontrar respostas e soluções para as perguntas que me instigavam, com o estudo da cor e de suas composições harmônicas e contrastes, preconizado pelos ensinamentos do artista e professor suíço Johannes Itten, conhecido por seu trabalho na Bauhaus e por suas contribuições à teoria das cores, e pelos conceitos de experiências estéticas do filósofo e educador norte-americano John Dewey. No período do doutorado, enfrentei problemas de saúde, pois fui acometido por duas infecções respiratórias causadas pela COVID-19 e por uma cirurgia de apendicite. Tudo isso, porém, não me impediu de prosseguir na pesquisa, em busca de respostas e inovações para a introdução da percepção da harmonia e do contraste das cores como experiência estética com um olhar singular, propondo modelos inéditos didático-pedagógicos, bidimensionais e tridimensionais. Assim, defendi a tese, em 2023, intitulada *Harmonia e Contraste da Cor e a Arte como Experiência* (Rocha, 2023).

Pergunta: Na sua produção pictórica, quais são os temas e preocupações que mais aparecem e como eles dialogam com suas pesquisas científicas em Artes Visuais?

Resposta: A minha produção pictórica sempre está atrelada a um estudo, a um momento, a uma situação, a uma indagação, a um desejo ou a uma necessidade de uma fase da minha vida. Os temas que mais aprecio e exploro são as lembranças afetivas, contextualizadas e representadas por desenho e pintura; a arte em espaços fechados; autorretratos e retratos de pessoas que contribuíram para o campo da arte, do ensino e da educação; bem como as paisagens e a dinâmica das cores. A partir da inquietação de cada tema, procuro pesquisar referências tanto teóricas quanto práticas, envolvendo filósofos, artistas e educadores que se relacionam com o motivo abordado. Com base nas referências teóricas e práticas investigadas, procuro aprender, desenvolver, expressar e ressignificar diferentes percepções, distintas das já pesquisadas, e realizar a minha produção como artista-pintor.

Pergunta: Em sua tese de doutorado *Harmonia e Contraste da Cor e a Arte como Experiência* (2023), você explora a cor como experiência estética e formativa. Como essa investigação teórica se conecta com sua prática como artista-pintor?

Resposta: Na minha tese, procurei explorar a cor como experiência estética e formativa. Utilizei as cores com harmonia e contraste, que são opostas dentro do círculo cromático, tanto no aspecto objetivo quanto no subjetivo. Como aspecto objetivo, utilizei as cores que fisiologicamente são complementares, independentemente de minha subjetividade. São cores que se complementam naturalmente pelo sistema óptico visual, como, por exemplo, o vermelho e o verde, ou o amarelo e o roxo, e assim sucessivamente, com todas as cores do círculo cromático que estão diametralmente relacionadas. Diante disso, a tese resultou na criação de uma metodologia integrada de ensino da cor, que articula teoria estética, prática artística e formação docente, fundamentada em Johannes Itten e John Dewey, propondo modelos didáticos bidimensionais e tridimensionais que ampliam a experiência sensível, perceptiva e educativa da cor nas artes visuais. Espera-se que os resultados impactem e auxiliem na formação de professores, artistas e pesquisadores em Artes Visuais, que, a partir da utilização dos modelos didáticos e práticas artísticas que integram teoria e experiência estética da cor, ampliem a percepção, o ensino e a criação artística. Da tese resultou o livro *A Cor como Experiência Estética em Modelos Didáticos*, publicado pela Editora UDESC em 2025 (Rocha, 2025).



Fig. 2, 3, 4. José Carlos da Rocha. Modelos didáticos pedagógicos bidimensionais e tridimensionais desenvolvidos. Florianópolis, 2025. Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Pergunta: Como o envolvimento em projetos de extensão, como o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, e em grupos de pesquisa, como o Entre Paisagens, contribuiu para sua formação e atuação como artista e professor?

Resposta: Os projetos de extensão, como o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura - Apotheke e o Entre Paisagens, coordenado pela professora doutora Jociele Lampert do CEART/UDESC, foram fundamentais para minha formação e produção artística. O binômio teoria e prática move os ensinamentos propiciados nesses projetos de extensão. Toda a minha produção artística e textual está pautada nos ensinamentos recebidos nesses projetos durante toda a minha formação, a partir do mestrado. Sou grato pela oportunidade de participar dos encontros semanais durante mais de uma década, principalmente no Apotheke. Além de propiciar ensinamentos e práticas, o Apotheke atua em diversas frentes, como publicação de uma revista, exposições, entrevistas de artistas-professores-convidados, presencial e virtualmente, residências e ações colaborativas com a comunidade - enfim, atividades que enriquecem o currículo dos acadêmicos e de convidados ao longo de sua existência. O meu livro, publicado em 2025 e baseado na minha tese de doutorado, articula teoria e prática por meio de modelos didáticos bidimensionais e tridimensionais, desenvolvidos em micropráticas junto à comunidade e aos acadêmicos da UDESC. O estudo destaca a artografia como metodologia - uma abordagem que articula prática artística, registro e reflexão crítica - ampliando a compreensão da harmonia e do contraste cromático e contribuindo para o ensino das Artes Visuais. O estudo destaca a artografia como metodologia - uma abordagem que articula prática artística, registro e reflexão crítica - ampliando a compreensão da harmonia e do contraste cromático e contribuindo para o ensino das Artes Visuais.

Pergunta: A maturidade pode trazer ao artista um olhar singular. De que forma sua vivência e experiência influenciam sua prática criativa e sua forma de ensinar arte?

Resposta: Creio que a maturidade, sim, pode contribuir muito para diversificar e ressignificar os processos artísticos e expandir a percepção pelas experiências e observações vividas. No meu caso, minhas primeiras experiências remontam à infância, pela observação, pelo que percebi, pelas formas e cores dos objetos afetivos, pelas cores que me encantavam, pelos movimentos de equilíbrio dos brinquedos, como o pião e a pandorga, pelas luzes e reflexos das bolas do presépio no Natal, pela fumaça branca e preta dos trens, pelo brilho das pedras de carvão, pelas imagens coloridas dos livros, pelas cores das bolas de gude. Estes são exemplos de sinais cromáticos que me fascinavam e prendiam minha atenção pela observação. Alguns desenhos eu fazia na escola para ilustrar um jornal até os nove anos. Depois, só retomei o desenho e a pintura já aposentado, quando retornei aos estudos na universidade. Desde então, comecei a ampliar meus conhecimentos, recebendo ensinamentos de muitos professores, de artistas, de colegas, das pesquisas, das práticas e das referências teóricas. Em suma, todas essas experiências contribuíram para ampliar meus conhecimentos de forma exponencial. O Apotheke foi a principal fonte de referência para aprender e ensinar arte. Aprendi que só se ensina quando se conhece, domina,

compreende e pratica com experiência. Assim, minhas micropráticas têm como base essas experiências, tanto no meu processo criativo quanto no dos participantes.



Fig. 5. José Carlos da Rocha. Cromacidade. Suminagashi sobre papel. Florianópolis, 2020. Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Pergunta: O que significa, para você, ser artista e pesquisador simultaneamente, conciliando a produção artística com a reflexão acadêmica?

Resposta: Ser artista e pesquisador é um binômio, como as duas faces de uma moeda. Quando as duas atividades compõem a criatividade do artista, o resultado do trabalho alcança um nível elevado, significativo, consistente e com potência. É como a construção de um edifício, em que tudo deve ser primeiro planejado para depois ser executado. Assim, a pesquisa serve para fundamentar novos conhecimentos, propor inovações e possibilidades criativas para o artista. Procuro sempre fazer uma reflexão crítica sobre os trabalhos que executo, das dificuldades que encontro, da relação que têm com a minha vida, das experiências e tentativas, dos erros e acertos, das alternativas e inovações pertinentes, e do meu crescimento como artista, professor e pesquisador. Considero que a composição de ser artista e pesquisador simultaneamente é um fator determinante para a expansão dos meus conhecimentos e para a qualidade dos meus trabalhos. Cabe ao professor exercer um papel decisivo na disseminação e aplicação do conhecimento, compartilhando experiências e construindo novas formas de aprendizado.



Fig. 6. José Carlos da Rocha. Manufatura de tinta. Óleo sobre tela. 30x40cm. Florianópolis, 2021.

Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Pergunta: Você costuma dialogar não só com as artes visuais, mas também com a literatura e a filosofia. Como essas interlocuções poéticas aparecem em sua obra e pesquisa?

Resposta: Então, quando se relacionam distintas formas de arte, considerando a tríade - arte visual, literatura e filosofia - temos a possibilidade de compor um trabalho com três camadas que, aglutinadas, expressam ao mesmo tempo a criação, a imaginação e a expressão visual. Procuro trabalhar nessa direção, pois isso potencializa o trabalho e amplia sua significação. Nos trabalhos desenvolvidos de pesquisa e nas obras produzidas, sempre procuro referências de artistas, filósofos e educadores, tendo como base suas obras, ensinamentos e experiências. Exemplifico alguns autores com os quais trabalhei essa tríade, citados nos meus três livros: No primeiro livro, *Museu dos Objetos* (2013): Manoel de Barros, Walter Benjamin, Henri Bergson, Sophie Calle, Gilles Deleuze, Orhan Pamuk, Marcel Proust. No segundo livro, *Experiências Poéticas em Arte Educação com Adolescentes no Centro de Internação Feminina* (2020): Ana Mae, Ricardo Basbaum, Jean Baudrillard, John Dewey, Elliot Eisner, Michel Foucault, Rita Irwin, Marcel Proust, Alan Thornton, Milton Santos. No terceiro livro, *A Cor como Experiência Estética em Modelos Didáticos* (2025): Josef Albers, Rudolf Arnheim, Ana Mae, Faber Birren, John Dewey, Marco Giannotti, Johannes Itten. Conforme essas referências, procuro sempre pesquisar e trabalhar na perspectiva de buscar novas fontes, envolvendo o trabalho com textos literários, filosóficos e a elaboração de imagens, em busca de outras percepções e expressões estéticas para o ensino das Artes Visuais.

Pergunta: Que conselhos ou inspirações você gostaria de deixar para artistas e estudantes que iniciam sua trajetória acadêmica em diferentes momentos da vida?

Resposta: Pelas minhas experiências e pela reflexão crítica das situações vividas, em resposta às adversidades encontradas na busca de novos conhecimentos do universo da arte, concluo que: A semente do conhecimento pode germinar, crescer, florescer e frutificar a qualquer tempo, em todas as estações da vida, por meio da Arte. Sou grato por ter encontrado professores que acreditaram no meu potencial e interesse em aprender na fase da maturidade, especialmente a professora doutora Jociele Lampert, que acreditou no meu sonho e ajudou a torná-lo realidade. Esta entrevista é um testemunho de que nunca é tarde para realizar um sonho e contribuir para o ensino da arte.

Pergunta: Para finalizar: como você enxerga o futuro de sua pesquisa e produção artística? Há novos caminhos ou projetos que gostaria de destacar?

Resposta: Desejo que minhas produções e pesquisas não fiquem esquecidas, preenchendo espaços virtuais ou físicos nas estantes das bibliotecas ou em depósitos, mas que circulem entre as mãos e leituras, incentivando novas pesquisas e trabalhos. Por isso, tudo o que aprendi e aprendo no campo da arte compartilho com todos que amam a arte, como artista, professor, pesquisador e, sobretudo, como ser humano. Durante o tempo em que respiro, a arte pulsa e se move em meus pensamentos, ações e práticas. Essa é a magia da arte que transpiro enquanto ser vivo! Nesse sentido, sempre busco a inovação que envolve diferentes possibilidades de pesquisa, prática, percepção e ressignificação do universo cromático.

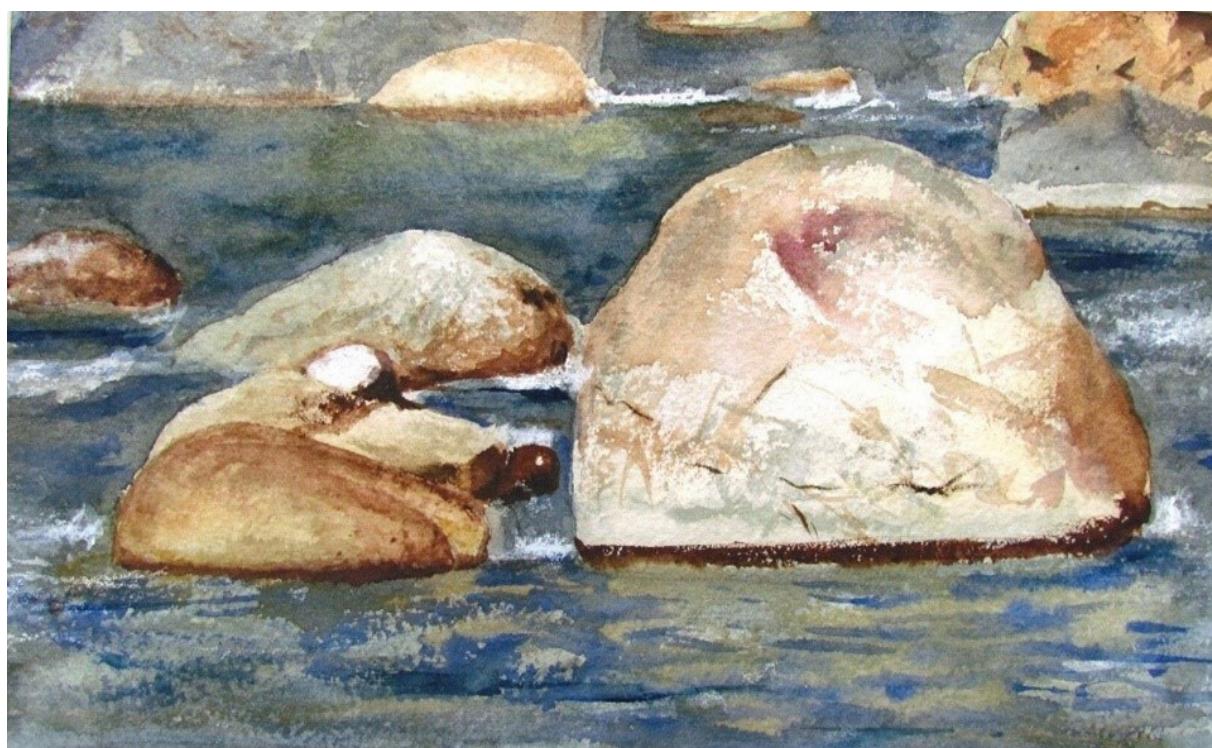


Fig. 7. José Carlos da Rocha. Stones. Aquarela sobre papel 300 g/m². 20x30cm. Florianópolis, 2023.

Fonte: Portfólio do artista, 2025.



Fig. 8. José Carlos da Rocha. Diversidades. Aquarela sobre papel 300 g/m². Florianópolis, 2022.

Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Considerações Finais

A entrevista com o artista visual José Carlos da Rocha nos convidou a refletir sobre como a arte, quando desvelada na maturidade, pode tornar-se um território fértil de reinvenção. Em suas palavras e pineladas, a vida e a arte se entrelaçam num mesmo gesto de curiosidade e descoberta. Rocha revela que o ato de pintar, pesquisar e aprender permanece sempre vivo - um campo aberto onde o tempo não limita, mas amplia. Sua trajetória inspira a compreender que nunca é tarde para iniciar o próprio processo artístico, pois a criação, assim como a cor sobre a tela, renova-se a cada camada, a cada olhar, a cada instante.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 3 out. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm.

PODHORECKA, Marta et al. Attitudes Towards the Elderly in Polish Society: Is Knowledge About Old Age and Personal Experiences a Predictor of Ageism?. **Psychology Research and Behavior Management**, v. Volume 15, p. 95–102, 2022. Disponível em: <https://www.dovepress.com/attitudes-towards-the-elderly-in-polish-society-is-knowledge-about-old-peer-reviewed-fulltext-article-PRBM>.

ROCHA, José Carlos da. **Experiências poéticas em arte educação com adolescentes: Centro de Internação Feminina**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. p. 242 Disponível em: <https://pergamumweb.udesc.br/acervo/137791>.

ROCHA, José Carlos da. **Experiências poéticas em arte educação com adolescentes no centro de internação feminina**. Florianópolis: UDESC, 2020, p. 211. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000084/00008458.pdf>

ROCHA, José Carlos da. **Harmonia e contraste da cor e a arte como experiência**. 2023. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. p. 287. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000b4/0000b453.pdf>

ROCHA, José Carlos da. **Museu dos objetos**. Florianópolis: Editora Udesc, 2013. Disponível em: <https://pergamumweb.udesc.br/acervo/138874>

ROCHA, José Carlos. **A cor como experiência estética em modelos didáticos**. Florianópolis: Editora Udesc, 2025, p. 348. E-book ISBN 978-85-8302-251-0. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/21576>

ROCHA, José Carlos. **Memórias afetivas: museu dos objetos**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. 55 p. (v. 1); 72 p. (v. 2). Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/123456789/12345>

Submissão: 27/10/2025

Aprovação: 08/12/2025